A maior tiragem de todos os semanarios portugueses
Ano II—Numero 102 Preço avulso 1 Escudo 28 Paginas

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS – TEATROS SPORTS & AVENTURAS – CONSULTORIOS & UTILIDADES

NOITE DE NATAL!

(Aguarela interpretativa dum desenho de Bouguereau, por Martins Barata)

O DOMINGO ilustrado

ANO II N.º 10?

LISBOA 26 DE DEZEMBRO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS - Rua D. Pedro V 18—Telefone 631 N.—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—Rua do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O TEATRO E O JORNALISMO

Os pontos nos ii

A PROPOSITO

Do "CASO DO DIA"

A peça de Ramada Curto que ha dias subiu á scena no Gimnasio veio pôr em foco esta instituição tres vezes secular que se chama a Imprensa.

No decurso da fabula dramatica aparece um director de jornal que aluga a sua opinião a quem melhor lhe paga, não cuidando saber de onde vem o dinheiro.

A Imprensa é mimoseada com outras alusões bem pouco lisongeiras e o publico ri. O publico gosta.

Ramada declara a um jornalista que não pretende generalizar o conceito. Há a boa Imprensa e a má Imprensa, como ha o bom politico e o mau politico.

Nos vamos mais longe e afirmamos: há directores de jornais e há jornalistas, há pessoas que vivem á sombra da profissão sem serem profissionais e há outras que, sendo profissionais, morrem da profissão. Os primeiros, em geral, cólhem o fruto da semente que os segundos lançam á terra.

O director de jornal, por via de regra, não é um jornalista. Portanto, não é com os jornalistas que se entendem as alusões pouco lisongeiras da peça de Ramada Curto. Esse, o profissional, o grilheta, o falecido Manuel da Silva da conferencia de Norberto de Araujo, entre nós, é uma pessoa honesta, que vive modestamente do seu trabalho, que não tem outra ambição que não seja a de corresponder á simpatia do publico que o lê,—e que morre sempre pobre, muitas vezes ignorado, algumas caluniado e nem sempre compreendido.

A carapuça do «Caso do dia» vai, portanto, a quem serve—se é que serve a alguem. A quem ela nunca pode servir, porque não gasta daquela medida, é ao profissional do jornalismo, quer ele assine com um nome brilhante, quer seja o mais humilde informador do «fait-divers».

* * *

E já que estamos com a mão na massa, vem a proposito dizer que, ao contrario do que alguma gente pensa, o jornal português é o mais desinteressado, o mais generoso, o menos comercial de todo o mundo.

A maior parte dos assuntos que na Imprensa estrangeira passam pela administração, a tanto á linha, entre nós tratam-se por simpatia, por generosidade, por espirito de justiça—pelo coração.

O sentimentalismo proprio da nossa raça triunfa sobre a contabilidade. A nossa visão romantica dos acontecimentos leva a palma á rasão comercial por que se orienta numa sociedade anonima de responsabilidade limitada.

Numa redacção das nossas não entra ninguem a pedir dez linhas de justiça, seja mendigo ou grande senhor, que não encontre sempre um quarto de coluna.

As reclamações chovem sobre a mesa do secretario da redacção. A proposito de tudo. E' o inquilino que se queixa contra os abusos do senhorio—e o jornal publica. E' o pretendente que foi preterido injustamente por um despacho ministerial—e o jornal publica. E' o transeunte pacifico que foi maltratado pela policia—e o jornal publica. E' o funcionario a quem o Estado não paga o que lhe deve—e o jornal publica. E' a viuva do grande homem, que vive na miseria e pede auxilio do Estado—e o jornal publica. E' um pobre envergonhado que tem a mulher e os filhos a morrerem de fome, que estende a mão á caridade—e o jornal publica. E' um autor dramatico que pretende fazer ambiente em volta da sua peça—e o jornal publica. O jornal publica tudo de graça, generosamente, desinteressadamente, como se não fosse uma empreza comercial e na sua administração não houvesse um livro cem estas duas palavras fatidicas: «Deve» e «Haver».

Se entre nós o jornalismo peca por algum defeito, esse defeito provêm da sua demasiada boa fé—digamos da sua ingenuidade—e da facilidade com que abre a porta ao primeiro viandante que chega e lhe pede pousada.

Na minha terra, quando alguem bate á porta duma casa, respondem lhe de dentro: «Entre quem é». Em Portugal, o jornalismo é um pouco assim. Sucede, por vezes, que a pessoa que mandámos entrar e com quem repartimos o nosso pão, no dia seguinte, volta-nos a cara e finge que nos não conhece.

Podia citar nomes de mendigos da publicidade com quem nós dividimos o fogo do nosso lar e a tigela do nosso caldo, e que uma vez instalados na vida e como grandes senhores da politica, da finança, do comercio, ou da industria—por via de regra é sempre «de industria» que se trata—voltam o charuto para o lado esquerdo, se nós passamos pelo lado direito. Claro que nada disto se entende com o meu amigo Ramada Curto, que acaba de pôr brilhantemente em teatro um caso do nosso tempo. O comentario da sua peça serviu apenas de pretexto para o jornalista pôr os pontos nos i i, que tanta gente se esquece de pontuar...

NORBERTO LOPES

ANDRÉ BRUN

Ainda paira nesta casa o sorriso de Henrique Roldão, sorriso que nos humedece os olhos de quando em quando, e já hoje, na manhã gloriosa deste dia de inverno, nós damos a noticia de que o pobre André Brun morreu tambem. Em menos de três mezes, dois companheiros desta batalha inditosa e diaria do jornalismo morrem junto de nós. Ambos novos, ambos cheios de entusiasmo pela vida, ambos tuoso, culto, cheio duma filosofia tão sua e tão pitoresca como André Brun, é uma mágoa grande, uma mágoa que se não sabe exprimir, porque com ele parte, para não mais o encontrarmos, o cavaqueador inesquecivel, o observador cheio de ternura, de delicadeza, de espirito critico da vida que vivemos.

Pobre e querido Brun! – Tão grande, merecias, pelo teu coração, pela tua sensibilidade, tão

dignos de a viver, pelo seu talento, pelo seu coração, pela sua ternura pela propria vida.

Que dolorosa missão esta que obriga a vir, com palavras de banal cumprimento, dizer publicamente uma dôr que o publico não pode sentir nunca!

Mal unida, heterogenea, rancorosa entre si, apesar de tudo, a gente dos jornais é uma familia. E esta camaradagem de luta diaria na Imprensa, este esforço de franco-atiradores em linha, cimenta uma amizade feita de solidários e pequenos defeitos e de qualidades tambem comuns.

A perda dum companheiro, risonho, espirituoso, culto, [...]

lisboeta, tão nossa, tão ali da Cruz dos Poiais, —que tu soubeste juntar tão admiravelmente á ironia da tua origem franceza—uma vida mais feliz, mais compensadora do teu esforço, mais justa para as tuas qualidades, menos rigorosa para os teus defeitos!

Pobre e querido Brun!

Que a tua Aninhas seja, ao menos, feliz—já que tu o não foste!

Que a pobre «migalha» da tua vida te honre o nome, essa que foi o motivo mais belo da tragica cronica da tua existencia de escritor humorista...

A REDACÇÃO

A noite que passou foi de anciedade e de agitados sonhos para muitos sujeitinhos de trez palmos de altura e para muitas senhorinhas, que ainda não conseguem chegar com a ponta do nariz ao parapeito da janela.

Conforme os bons conselhos, as chaminés encheram-se de sapatos. Decerto houve birras, agora que as sandalias estão em uso, porque alguns bébés mais mimalhos não deixaram de exigir os sapatinhos de polimento, os de ir á rua, não só por consideração para com o Menino Jesus, mas ainda por espirito de previdencia, porque as sandalias teem buracos e os brinquedos podiam escapar-se atravez deles.

Já para os fazer deitar deve ter sido uma ralação. Ainda falta muito para a meia noite? O Menino Jesus vem á meia noite em ponto? E os olhos muito abertos querem resistir ao sono invasor. E falta muito? Uma eternidade! E' facil convencer quem se deita cedo de que a meia noite é uma hora tardia. E alem disso, o Menino Jesus, que tem de fazer a sua distribuição de brinquedos por todo o vasto mundo, não pode ser pontual como os comboios.

O sono, por fim, venceu. Uma ultima visita á chaminé, para ver se os sapatos ainda lá estão. Já as palpebras se cerram e ainda uma duvida vem sacudir o sono que começa. O cavalo grande caberá dentro do sapato? A boneca não ficará em fanicos, quando o Menino Jesus a deitar pela chaminé? Dorme! Dorme;

E toda a casa adormece tambem. Um ruido, passos leves no corredor. Será o Menino? E' o papá que volta do teatro e que boceja cavamente, no quarto ao lado. De novo o sono pesa. Lá fora a noite é fria, picada de estrelas que catrapiscam, cheias de sono tambem. Mas agora não ha duvida, sentiu-se um rumor para os lados da cozinha. Dir se-ia mesmo que eram os brinquedos a cair pela chaminé. Olhos vigilantes, na meia luz que a lamparina espalha, ouvidos atentos ao rumor distante, os bébés soerguem-se no leito. E no silencio da casa sôa um repicado «miau» e ouvem-se as cabriolas do Tareco. Maroto do gato! Has-de paga-las, em puxadelas de rabo!

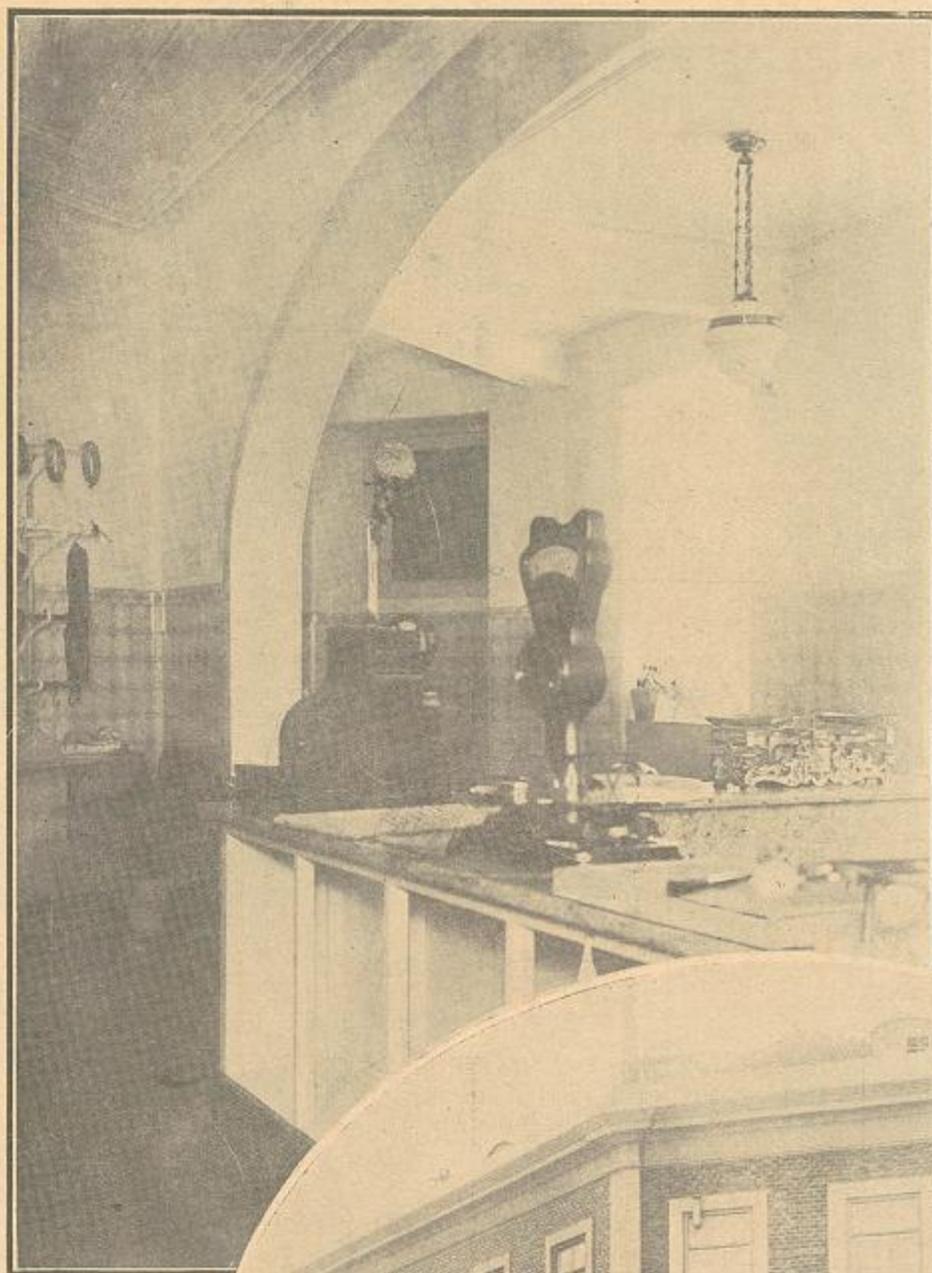
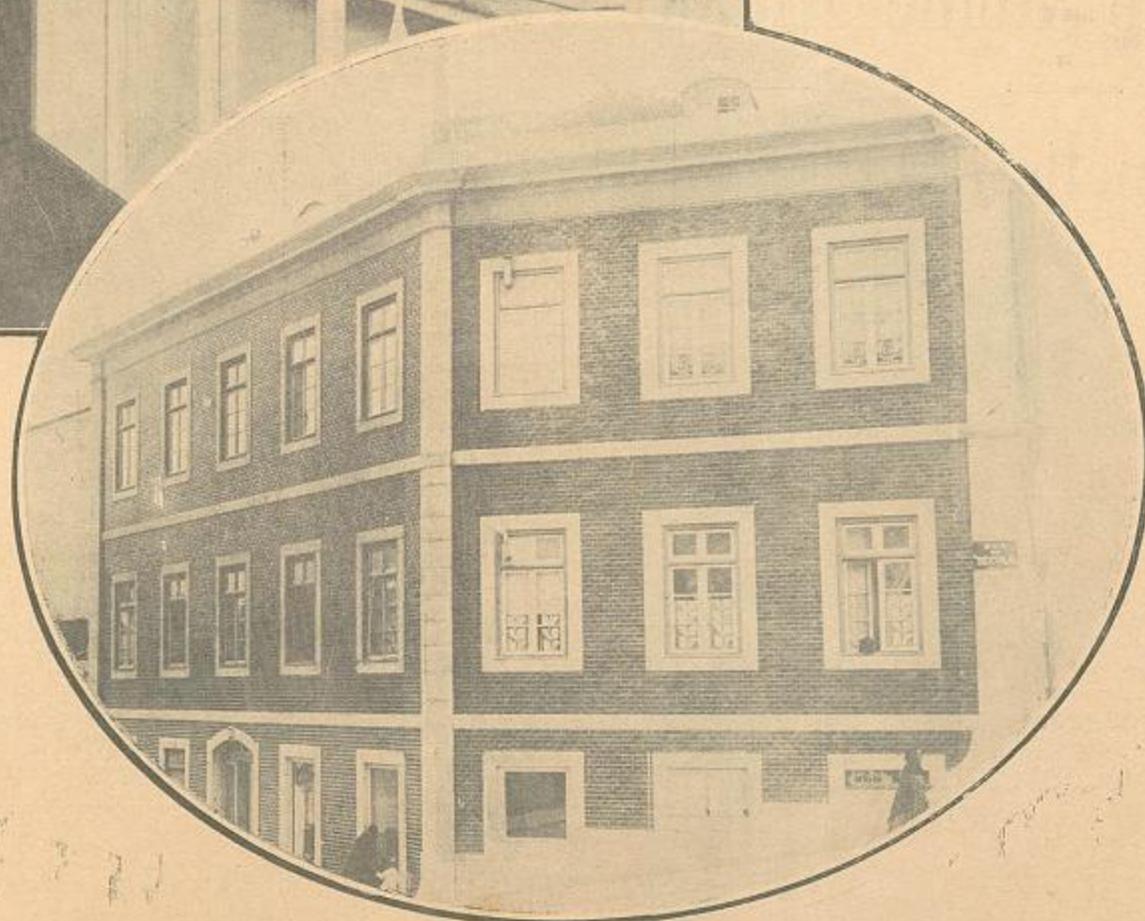
Finalmente a alvorada, a invasão dos brinquedos, a alegria de realisação de tantas ambiçõesinhas, pequeninas como os corações que os embalaram.

...Se eu puzesse o meu sapato na chaminé gostava que o Menino Jesus me deixasse um automovel em tamanho natural. Sabem para quê? Para fugir.

MARIA DE CARVALHO, OLIVA GUERRA E ALICE OGANDO

Colaboram no numero do Natal

Na pagina feminina verá o leitor, alem dos versos de Branca de Gonta, a gentilissima e sempre benvinda colaboração da notavel poetisa D. Maria de Carvalho, de Oliva Guerra, a poligrafa brilhantissima, e D. Alice Ogando, uma artista que vem de estrear-se na poesia, com tão invulgar merito.

A nova salchicharia FORMIGAL & FURRER, L.DA NA RUA DO SECULO, 171

Estabelecimento modelar, com o melhor sistema frigorifico, todo em marmore, que fornece as principais casas de Lisboa, Provincia e vapores. Aqui encontrarão as donas de casa e os *gourmets* as melhores conservas de carne, que este elegante carro levará rapidamente a suas casas

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

PUBLICIDADE

Electricidade Radío-Electricidade

Unica casa do paiz com as seguintes especialidades:

Fios para enrolamentos isolados a esmalte, seda ou algodão.

Fios resistentes para elementos de aquecimento.

ISOLANTES

Telas oleadas de seda e algodão; papeis e fitas oleadas; cartão lustrado; fibra e ebonite em folhas, tubos, e varas; bakelite; mica; vernizes

Aparelhos de medidas electricas para quadro e portateis: amperemetros, voltmetros, ohmmetros, etc.

Dinamos, motores e transformadores

Grupos conversores e rectificadores

Acumuladores fixos e transportaveis Pilhas

T. S. F.

Fornecedores das principais estações do Estado Postos completos emissôres e receptores. A mais completa coleção de peças soltas e acessorios. Oficinas de montagem e reparação com pessoal competente

Representações dos principaes fabricantes

ARMANDO CASQUILHO & C.ª — Engenheiros

Telef. 4209 — Telg. «Radiofonia-Lisboa»

Rua Eugenio dos Santos, 75 e 77 — LISBOA — **Travessa de Santo Antão, 2, 4 e 6**

Crème Reine Alexandre

E' o melhor da actualidade

Extrai entre 3 a 5 minutos todos os pelos ou penugens desengraçadas, deixando a pele branca e assetinada.

E' inofensivo, não irrita a pele e é superior á navalha de barba ou quaesquer depilatorios.

PREÇO 15$00

Pelo correio mais 1 Escudo

Deposito geral:

Drogaria Açoreana, *R. da Prata, 93 e 103-1.º*

No Porto:

Drogaria Moura, *Largo de S. Domingos, 121*

PASTELARIA FERRARI

RUA NOVA DO ALMADA, 93

TELEF. CENTRAL 2420

A antiga, aristocratica e elegantissima pastelaria de Lisboa

A preferida pela verdadeira Alta Sociedade, pelas suas tradições, citada já nos romances de Eça de Queiroz como centro de verdadeira elegancia.

Chás ás 17 horas

Fornecimentos de festas

LISBOA · BRISTOL CLUB · DANCING

Publicidade

Café Restaurant Roma, Limitada

100, RUA DO MUNDO, 101

MODELAR E IMPECAVEL

ESTABELECIMENTO

DE RESTAURANT

Menus variados

PREÇOS MODICOS

Pessoal habilitadissimo

A CASA PREFERIDA DE QUEM QUER COMER BEM E TRANQUILAMENTE

TELEFONE T. 520

Automoveis **Rolland Pilain**

VENCEDORES DAS GRANDES PROVAS DE RESISTENCIA

COMODIDADE, RESISTENCIA, ROBUSTEZ E ELEGANCIA

VARIOS MODELOS PARA ENTREGA IMEDIATA

Sociedade Aeronauta Automobilista, L.da

GERENCIA—*RUA DO CARMO, 43, 1.º*

LISBOA

COOPERATIVA
DOS
ESTOFADORES E DECORADORES

Premiada na Exposição do Rio de Janeiro em 1908

TODOS OS TRABALHOS EM ESTOFO, REPARAÇÕES, PINTURAS E ENCERAMENTOS DE CASAS

ARMAÇÕES, MOBILIAS POLIDAS, MOVEIS DE FANTASIA, PAPEIS PINTADOS, ETC.

PREÇOS MODICOS

31, Calçada da Estrela, 33 — LISBOA — *Telefone T. 39*

Mendes, Nunes & Carvalho, L.da

ARTIGOS PARA TEATRO

COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES E CONTA PROPRIA

RUA DA MADALENA, 90, 1.º

Telefone C. 422 — LISBOA

Brindes para o Natal

Perfumaria Universal—ROCIO, 101

COLARES DE PEROLAS as mais finas imitações a preços modicos. Perfumes e pó de arroz em lindos estojos, dos melhores autores; vaporisadores, estojos de manucure e de toilete, caixas de sabonetes, o que há de mais fino; pulseiras, flores, etc.

Perfumes a peso tem Chipre e Origan de Coty, autentico, assim como outras finissimas essencias e pó d'arroz.

Colares Burjacas

Vinho engarrafado na origem

RUA NOVA DA TRINDADE, 126 a 132 — TELEFONE NORTE 5435

LISBOA

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

O DOMINGO ilustrado

HUMORISMO

Pagina Alegre por Xisto Junior

O CONVIDADO

Xisto Junior quiz dar aos seus seis leitores o presente devido, no Natal. Recorreu aos tesouros da sua graça, mas não achou objecto capaz de constituir um presente digno de si e dos presenteaveis. Lembrando-se, então, de que as Boas-Festas tambem se dão com dinheiro, resolveu distribuir pelos seus leitores... um conto. E pede desculpa de as Boas-Festas não serem de «graça».

O 512 estava de quarto naquela area tristonha, ruelas em que se acumulava gente pobre e onde, a amenisar o serviço, só havia de vez em quando uma desordem de pouca monta, simples troca de bofetões entre homens que tomavam partido pelas respectivas «patroas» desavindas em infindaveis descomposturas.

Era uma maçada aquele serviço, aquelas horas gastas a percorrer as ruas sem viv'alma das onze em deante, de mãos nos bolsos do capote, batendo as grossas solas e espantando os gatos vadios, cujas pupilas fosforejavam na sombra dos recantos e portais.

Felizmente largava o serviço á uma e como era noite de fim do ano sabia que, em casa, o esperava uma solida pratada de bacalhau com broculos, de que ele proprio fôra nessa manhã comprar ao mercado um repolhudo molho.

Mas esta perspectiva amavel, a que se juntava a evocação dum certo vinho do carvoeiro da esquina e que a sua Joana decerto não se teria esquecido de comprar, só lhe aumentava o desespero, a ancia de que findasse breve aquele quarto que parecia nunca mais ter fim. Os colegas das esquadras da Baixa ainda tinham a distracção de vêr passar o mulherio e a gentana que volta dos teatros.

Chupando o cigarro, ia em passadas lentas subindo uma ladeira ingreme da sua area. A' esquina havia um candeeiro, em que uma lampada moribunda semelhava uma grossa gota de sangue coalhada na friagem, que descia dum ceu muito fundo e muito escuro, picado de lucilações tremulas. Numa janela, um farrapo esquecido debatia-se na aragem cortante, animado dum desespero humano. Um cão amarelo e hirsuto, de cauda em gancho, passou correndo na mancha exigua de luz que o candeeiro espalhava, riscada de grandes sombras movediças. O 512 sentiu um ligeiro arrepio, largou um «chta, cão!», que ecoou pelas travessas proximas.

Ao cimo da ladeira, numa encruzilhada de ruelas, que a luzinha mal definia, o 512 parou, sondando a sombra que se empastava a dois metros do boqueirão hiante. Meia hora bateu, duas badaladas espaçadas que se repercutiram longamente. Dentro em pouco seria rendido, pensou o 512, esfregando as mãos.

Mas o que era aquilo, ali á esquerda, na viela lobrega? Seria ainda o cão, aquele vulto, rente ao portal, lá adeante? O policia bateu o pé no empedrado da rua, bradou de novo, em voz cava:

—Chta, cão!

O vulto não se mexeu. Era um pedaço de treva sobre a treva da viela, um relevo escuro na escuridão dominante. O 512 avançou em passadinhas lentas, parou a distancia, tomou o seu tom autoritario:

—Olá! Quem está aí?

O mesmo silencio acolheu o seu brado.

O que seria aquilo? Puxou a pistola, encheu-se de coragem, foi direito ao vulto:

—O' seu maroto! Que faz você aqui?

A mão enorme do 512 sacudia um montão de farrapos, que mal se tinha em pé. O policia raspou um fosforo e pô-lo em frente dum rostosito miudo de garoto, que esfregava os olhos encadeados pela luz, com as mãosinhas sujas fechadas em concha. Eram uns sete anos de miseria, cabelos loiros em farripas mal cortadas, uns olhos azues ja viciosos, revelando taras acumuladas.

O policia estava zangado, ainda mal refeito do susto que o garoto lhe pregára:

—Porque é que você não respondeu, seu vadio?

O petiz empinou para o 512 o narizito ranhoso, justificou-se com toda a calma:

—'Tava a dormir!

—Mas tu não sabes que quem dorme na rua vae preso?

—Sei, sim senhor. Inda ontem fui preso na Avenida...

—Então tu não tens casa? Quem é o teu pae?

—A minha mãe é que sabe. Eu cá não sei.

—E a tua mãe, onde é que mora?

O pequeno alongou o dedito para cima, para a treva onde se adivinhava o relevo duma trapeira:

—Móra ali.

—Então vai já p'ra casa, maroto. Que estás tu aí a dormir ao relento?

E mais humano, o 512 propôz:

—Queres que eu bata á porta?

—Ela não tá lá, calha bem!—disse o garoto, muito á vontade.—A'nha mãe tá mas é no hospital.

—Doente, hein?—perguntou o policia, que começava a comover-se.

—Não, senhor. Foi p'ra lá ter uma «criença», sr. guarda. Quando ela cá está eu durmo em casa, mas agora se não calha apanhar a porta aberta durmo aqui ou lá na Avenida ou lá onde ficam os outros.

Soavam passadas na viela estreita. Era o outro guarda, que vinha render o 512. Tratou logo de se informar:

—Então o que é isso? Quem é esse marau?

O 512 explicou a historia, deu pormenores.

—E' leva-lo ao cabo, leva-lo para a esquadra. Isso ás vezes teem só trez palmos de altura e já roubam como um homem.

O 512 pegou no braço do garoto, deu as boas noites ao colega:

—Anda d'aí, miudo!

E pôz-se a caminho da esquadra. O petiz encolhia-se no casacão que lhe panejava nas canelas, metia as mãos nas mangas e, de pésitos nus, ia correndo ao lado do policia, para lhe acompanhar as passadas. Sorria lhe a ideia da tarima, na esquadra. Sempre lhe dariam uma manta e havia de «sornar como um catita».

Mas de subito o 512 estacou, interrogou o garoto:

—Olha lá! Tu tens fome?

O petiz batia o queixo, todo o seu corpinho enfezado tremia:

—Ia agora uma bucha, sr. guarda.

—Espera aí por mim. Mas não te mexas, não fujas, senão ámanhã agarro-te outra vez e dou-te uma tareia mestra.

O petiz ficou no vão duma porta e o 512 apressou-se para a esquadra, cuja lanterna sonolenta luzia ao fundo da rua. Deu o seu recado, voltou aonde estava o garôto.

—Vamos embora!

O petiz já perdia a esperança de ir ficar á esquadra. Onde o levaria o policia? E continuava a saltitar ao lado d'ele, batendo o queixo.

O 512 bateu ao postigo iluminado da casa onde morava. Um guinchar de chave ferrugenta e a porta abriu-se, aparecendo a mulher embrulhada num chale. E como o 512 empurrasse brandamente o petiz para dentro de casa, a mulher recuou, assombrada:

—O' homem, que é isto?

—E' um convidado p'ra ceia do fim do ano, mulher. Fecha a porta que está frio.

O garôto tirara a boina, poz-se a coçar o cabêlo emaranhado. E emquanto a mulher se não fartava de exclamar «Ih Jasus, Senhor!» o 512 ia explicando como encontrara o petiz; o que ele dissera da mãe, a historia toda.

—Emfim, lava-lhe o focinho e as mãos e dá-lhe de comer. Arranja-se-lhe aí onde ele fique, talvez em cima da arca, han? Que dizes?...

O gaiato, ensaboado com energia, foi sentado num môcho junto á mesa, que lhe dava pelo queixo. Foi preciso pôr-lhe um saco de roupa velha no fundo do banco. Comeu do bacalhau e dos broculos, bebeu a sua pinga, atochou-se de pão e tagarelou, contando mais pormenores da sua vida: as noites ao relento, os cascudos que a mãe lhe dava.

A ceia terminára. A mulher do 512 não se fartava de fazer perguntas ao petiz e a cada nova desgraça, contada com desfaçatez, virava-se para o marido e bemdizia a infecundidade do casal.

—P'ra isto, mais vale a gente não ter filhos!

Mas o garoto estava distraido, respondia vagamente, os olhos fixos no 512, que fumava cigarro sobre cigarro. E a certa altura, não se conteve:

—O' sr. guarda, dá-me essa «beata»?

E com o dedito muito têso apontava a ponta de cigarro que já crestava o bigode do policia.

XISTO JUNIOR

TEMPERATURA

—Está um frio de rachar, não achas?
—Não sei, ainda não vi o termometro!...

Curiosidades

O MAIS VELHO JORNAL DO MUNDO

O mais antigo jornal do mundo é um jornal chinês, o «Tsung Pao» ou «Noticias de Pekim».

Foi fundado, com efeito, há catorze séculos, isto é, oitocentos anos antes que na Europa se publicasse o primeiro jornal.

O «Tsung Pao» ainda aparece hoje, mas não como quotidiano.

OS RAIOS CÒSMICOS

O professor Milikan, do Instituto de Tecnologia de Pasadena, descobriu a existência de vibrações do eter, tendo um comprimento de onda correspondente a uma bilionéssima parte da dos raios luminosos que impressionam a retina do homem. Estas vibrações parecem ser da mesma natureza dos raios X, mas com a diferença de terem um poder de penetração muito mais consideravel.

As mais curtas vibrações conhecidas até agora eram os raios «gama», emitidos pelo rádio; mas os raios recentemente descobertos são cinquenta vezes menores. A sua existência foi revelada depois de investigações que duraram vários anos.

A origem dêstes raios não está no solo, visto que a intensidade dêles não sofre qualquer mudança do dia para a noite; além disso, a experiência mostrou que essa intensidade é dupla a uma altitude de dez milhas, o que prova que os raios tambem [não] são de origem terrestre. Julga-se, portanto, que proveem da desagregação de estrelas afastadas e de nebulosas, dando o nome de «raios cósmicos».

OPALAS NEGRAS

A opala negra será, em breve, a pedra mais rara.

Durante muito tempo, esta pedra preciosa teve uma má reputação. Dizia-se que trazia desgraça. Acaba-se de descobrir, na Austrália, que estão já esgotadas as únicas minas donde eram tiradas. As opalas negras passam, portanto, a valer uma fortuna. E é quási certo que, daqui a pouco, as opalas negras passem a ser talisman, pelo menos talisman de fortuna, de dinheiro...

CALÇADAS FÉRREAS

Os actuais sistemas de calcetamento foram imaginados para a circulação de peões e de carros puxados a cavalos.

A circulação dos automoveis ocasiona-lhes degradações imprevistas, porque os pneumáticos aspiram, como se fossem ventosas, a materia mole que se interpõe entre as pedras da calçada. Até aqui só se usaram paliativos para adaptar as estradas existentes ao novo modo de locomoção; procura-se ainda, por todos os lados, a fórmula da estrada para automoveis. O general Gasconin propõe uma engenhosa solução. Consiste em revestir o calcetamento actual por lageas de ferro fundido, com cêrca de dez centimetros de espessura, cuidadosamente juntas. Semelhante calcetamento nunca se gastaria.

A Suécia e o Natal

AS festas do Natal, na Suécia, principiam, como na Alemanha, no proprio dia do Natal e prolongam-se até 13 de Janeiro, dia de S. Canuto.

Em Stockholmo é costume realizar-se uma grande feira do Natal, onde se vendem, principalmente, gulodices e brinquedos. E' costume presentearem-se as creanças com brinquedos, e as pessoas crescidas dão umas ás outras as clássicas «pancadas do Natal» («Juleklapper», em sueco), nome por que são designadas as lembranças com que, de brincadeira, se presenteiam mutuamente. E' da praxe que o presente de Natal seja oferecido de maneira misteriosa, sem que o presenteado saiba a quem tem de agradecer ou com quem tem de escandalizar-se, visto que estas «lembranças» tomam, por vezes, certo aspecto carnavalesco e servem para castigar um zombeteiro ou um presumido. Os portadores dos presentes chegam a ir mascarados, para que ninguem os conheça. Para que o presente caia dentro de casa de maneira enigmática e como se fosse enviado por qualquer divindade, o portador bate uma pancada forte na porta e, quando esta se abre, arremessa a dádiva lá para dentro, e desaparece, correndo. Da maneira de bater á porta é que vem a designação de «pancadas do Natal».

No campo observam-se ainda mais fielmente as tradições, por esta época e, pelo menos durante a semana do Natal, ninguem deixa de divertir-se e de brincar com os visinhos e amigos.

Desde a vespera do Natal, as mesas estão sempre postas, com as melhores iguarias que cada um pode arranjar. Quem entra tem que provar de tudo, pouco ou muito; se não provar, enguiça os donos da casa, que se persuadem de que a pessoa sóbria leva comsigo a alegria do Natal.

Há alguns acepipes caracteristicos da época, como as «papas do Natal» (Julgroet) e o «pão do Natal» (Julbroed). Em algumas casas, é costume juncar de palha o sobrado, com certeza em memória do Presépio.

As festanças costumam durar, com maior intensidade, até ao dia de Reis, mas é vulgar prolongarem-se até ao dia de S. Canuto que, como diz um rifão sueco, sai dansando com o Natal, ou leva o Natal de carruagem.

Em tempos mais antigos, era costume os lavradores porem as papas do Natal e outras iguarias no meio das eiras, pondo-lhes ao pé um vestidinho para o «Tomtegubben» trazer a fortuna para a casa do lavrador. «Tomtegubben» significa o espirito ou trasgo que, segundo a crendice popular, tem sob a sua protecção a terra de lavoura.

O quarto do dono da casa deve estar todo enfeitado e, na casa, nêsse dias festivos, tudo deve andar aceadissimo e resplandecente. Sôbre a mesa, sempre posta, vê-se um presépio, pendente do tecto. As raparigas fazem uns molhos de espigas de centeio e entalam-nos nas fisgas do tecto ou nos beirados da casa e pelo numero de bagos que se não despegaram calculam o numero de namorados que lhe hão-de aparecer, durante as festas.

Nas refeições da noite de Natal entram sempre peixe-pau, ervilhas, arroz de leite, cerveja e aguardente. Ao começar e ao terminar a refeição, cantam; depois rezam, e, em seguida, tornam a cantar. A luz fica acesa, tôda a noite. Todos os sapatos, nessa noite, se põem juntos e muito direitinhos, uns ao pé dos outros, para que os seus donos vivam sempre em paz. A crendice popular diz que se a «luz do Natal», ou seja, alguma vela acesa durante essa noite, se apaga antes de nascer o dia, isso significa que alguem de casa ha-de morrer dentro do ano; o côto da vela guarda-se muito bem e serve como unguento para feridas nos pés ou nas mãos.

No campo, a missa do Natal era pelas três ou quatro horas da manhã e era costume que cada campónio levasse a sua vela, para alumiar a igreja. Nas provincias do norte, os habitantes levavam depois as techas até á floresta mais proxima e aí juntavam-nas todas, para formar um grande archote, simbolizando o grande luzeiro celestial que nesse dia nascera. Voltavam para casa a correr, pois a tradição dizia que o que ficasse para traz tambem o ficaria na lavoura e na colheita.

O «cordeiro do Natal» ou «pão de Natal» é feito da flôr da farinha e tem esculpido, geralmente, um carneiro com a competente armação, e outras vezes um javali. Sabe-se que o javali representava um notavel papel nos brinquedos religiosos consagrados aos deuses pelos antigos Scandinavos.

Muitas outras particularidades e crendices caracterizam o Natal sueco ou, dum modo geral, o Natal na peninsula scandinava. Mas o que fica dito basta para mostrar a feição mais tipica desses festejos: o de alegria, paz e respeito pelas ingenuas crenças dos antepassados.

A ESTATURA MÉDIA DOS POVOS EUROPEUS

Segundo um quadro organisado pelo «Comité» Antropométrico da British Association, o porte médio dos diferentes povos oscila entre 1m65 e 1m70. E' a raça anglo-sexónica que ocupa o primeiro lugar com 1m74, frequente nos operários ingleses. Depois, veem os noruegueses e ainda os ingleses, com 1m70. Os dinamarqueses, os holandeses e os húngaros teem, em média, 1m67. Os belgas, os suissos e os russos veem depois, com alguns milimetros menos. A média para o francês é 1m66. A Alemanha, que oferece sensíveis diferenças de estatura, do pomerânio ao bavaro, figura, nêste quadro, com uma média de 1m66.

A mais pequena média: 1m65, é dada pelo italiano e pelo espanhol.

Dos portugueses não reza... o quadro antropométrico da British Association. Talvez suponham que Portugal não pertence á Europa...

PARA DESINFECTAR TECIDOS

Muitas vezes, para deter uma hemorragia ou «pensar» á pressa qualquer ferida, não se tem á mão uma ligadura de gaze ou de algodão rigorosamente desinfectadas, e é preciso contentarmo-nos com algum tecido ou um lenço de duvidosa asepsia. Nêste caso, convem proceder da seguinte maneira: Põe-se a aquecer um ferro de engomar e, em seguida, passamo-lo ligeiramente sobre um lenço ou qualquer outro tecido. Em alguns segundos realiza-se uma asepsia rigorosa, devendo a temperatura do ferro de engomar estar compreendida entre 200 e 300 graus centigrados. Nenhum germen resiste a tão elevada temperatura.

OS PRIMEIROS AUTOMÓVEIS DE CARREIRA

Foi em 1894 que se viu, num concurso de veiculos automóveis, os precursores e, se assim pode dizer-se, os antepassados do «autobus» e do «autocar». O veículo a vapor que foi classificado em terceiro lugar era um omnibus de nove lugares, munido de caldeira, e pesando umas quatro toneladas, em andamento. Este veículo levou 8 horas e 50m a efectuar o percurso Paris-Rouen, ou seja, 126 quilômetros.

Um veículo a vapor com forma dum «breack», com tecto e lugar para bagagens, obteve uma menção honrosa. O seu pêso, com sete viajantes e o «chauffeur», era de 2.700 quilos.

Um outro omnibus a vapor era destinado a fazer o serviço da Pointe-á-Pitre ao Moule, em Guadalupe. Não foi classificado.

O veículo a petróleo que obteve o primeiro prémio, efectuou os 126 quilometros de Paris a Rouen em cinco horas e quarenta, o que é uma bela realidade, como o futuro se encarregou de provar.

O DOMINGO ilustrado

TEATROS

A VOZ DOS MORTOS

NA noite em que escrevemos, está morto, mirradinho e seco, num modesto rez do chão do Conde de Redondo, o seu «condado»—o pobre André Brun.

O seu nome está em dois cartazes de Lisboa. Na feira e no Avenida, algumas dezenas de pessoas riram, decerto, esta noite, com as facecias do «Pinto Calçudo» ou do «Pé de Salsa»—sem se lembrarem que o homem que as engendrou está morto, umas centenas de metros distante, num pequeno quarto modesto e silencioso, onde uma mulher chora—a sua «Alice, sonho côr de rosa», como ele poz no primeiro retrato que lhe deu e quando a morte lhe começou a acenar tambem com as primeiras golfadas de sangue.

Nenhuma homenagem lhe tributaram os teatros que presentemente exploram a sua obra, como se entregue a peça ela não mais pertencesse ao cerebro que a imaginou ou ao coração que a sentiu!

Que importa que o desgraçado que ergueu um pedaço de vida e deu um sopro de humanidade a uns cadernos de papel—esteja aí da quente sobre o seu leito de morte? Interpretes, empresarios, compar as da sua obra—tão sua!—são os primeiros a cavar esse abismo eterno entre o autor, o homem que dá, heroicamente, a sua vida ao publico—e o publico que dêle vive as suas melhores horas.

Riam se com o que ele escreveu—não pensem nêle!

«André Brun» é uma marca registada, tem o valor comercial dum simples rótulo.

Seria de mau gosto que entre as gargalhadas do teatro da feira um actor viesse ao proscenio, e dissesse assim:

«Senhores:

Morreu esta manhã o homem que vos fez rir durante este espectaculo. Venho pedir-vos uns minutos de ternura pela sua memoria—e áqueles que tiverem a felicidade de saber resar, uma oração por sua piedosa intenção.

Bem merecem aqueles que sabem fazer rir. Mais do que os escritores tristes, eles são raros e valiosos de sua natureza.

Uma gargalhada ampla é um depurativo moral.

Não se é mau emquanto os labios se abrem num sorriso franco.

Resai pois, agradecidos, como souberdes e poderdes, pela alma gentil de André Brun.

Cumprireis um dever de coração, e sereis justos.»

Seria de mau gosto, talvez.

Mas seria concerteza de gratidão e justiça.

O HOMEM QUE PASSA

os nossos artistas-empresarios

Erico Braga, o simpatico e activissimo empresario, posa especialmente para o «Domingo», nesta fotografia intima. O admiravel artista que dirige o Teatro da Trindade, e que é um incansavel trabalhador, cheio de espirito moderno e de inteligencia, está,—sem reclame—orientando uma epoca de sucesso no teatro de José Loureiro.

OS NOVOS DE MERITO

Antonio de Melo, um jovem actor que vem marcando sucessivamente em varias companhias uma situação de destaque. Oriundo duma excelente familia coimbrã, Antonio de Melo trouxe para a scena uma elegancia "rafiné" e um ar de distinção atraente.

O teatro a fazer

E' dificil marcar neste momento, como ha cinco anos ou ha cinco seculos, a expressão o talhe dramatico, o objectivo do teatro portuguez. Não ha modelos, não ha «canones» e raras são as obras primas que, podendo ser evocadas como tais, constituem um exemplo eterno de beleza e de grandeza, por onde nos possamos orientar e guiar. O nosso teatro, sobretudo o desta epoca, foi sempre reflexo do teatro estrangeiro.

Explorou-se em Dumas e Augiés—a comedia romantica. Com Ibsen e Hauptman—a peça de filosofia e de tése social. Com Bernstein e Bataille—a obra forte, rude, de contactos violentos, e a pochade sentimental, «exquise», esquessada nervosamente á roda de almas de estufa, doentias e exoticas.

Tudo sugerido, tudo copiado, tudo transplantado! Nunca se perguntou ao publico—se a vizão e o seu sentimento correspondiam ás «adaptações-originais que lhe davam. Não! Bastava que determinada tendencia vingasse lá fóra, ainda que passageiramente, para ser tomada como indiscutivel indice de sucesso.

A arte, embora universal, varia de raça para raça, de latitude em latitude, de hemisferio em hemisferio. Pois bem: em Portugal ha muito que ela está condenada a vestir o trapo estrangeiro, embora a nossa artimanha aspera, grossa, surrada de trabalho e de lagrimas, de sinceridades e de emoções, possa transluzir a virtude dum povo, eminentemente dramatico, que tem vivido de acção histórica e de instituição sentimental.

Como podem, pois, queixar-se os autores de insuficiencia analitica ou da receptiva do povo expectador, se eles lhe descrevem, em linguagem nossa, motivos estranhos, barbaros, se não hediondos?

Vão os autores palpitar o coração da raça? seguir o sulco dos arados? acoitar-se nos cardenhos das serras? dormir com os pescadores, nas granitas parceladas das dunas? revivêr as grandes tragedias passionais dos rusticos? analizar a vida misteriosa da cidade, onde ha sempre um desencontro de ambição com a existencia, e mil casos sombrios, que a moral mutila e a lei esfarrapa?

Não? E quando o fazem, quando pedem a estes variados temas um desenho, uma sugestão, um ponto de partida, ou um fecho feliz—insatisfeitos por a sua obra ser natural e humana, expontanea e correcta, dão-lhe sempre a nota singular, preocupada e excessiva do teatro estrangeiro.

Ainda não ha muito tempo se representou, no Nacional, um dos mais belos dramas regionais, escritos em lingua portugueza, de todos os tempos. Caracteres em relevo; sombras bem prespectivadas; entrecho intenso. A obra agradou, sem duvida, mas mais agradaria, se os autores não tivessem fundido com as almas ingenuas que foram arrancar á serra reminescencias ibsenianas de simbolo, que as afastaram inteiramente da nossa doce e suave amizade luziada...

Ha, pois, que procurar uma tendencia, um objéctivo, uma linha de escola para o teatro portuguez. Isto no proprio interesse dos autores, divorciados do publico. Que se não diga que uma obra de arte, a verdadeira na excepção da linhas e do tema, a que fica, desafiando o tempo, é superior ao sonho da multidão.

Ela só é bela e grande se a sua linguagem—fôr a do povo, se a sua alma fôr a da raça, se o seu olhar vier até nós, claro e luminoso, como o reverbero das estrelas que incide sobre a terra, caminhando nela sem se detêr.

Onde ir buscar a inspiração do nosso teatro? Qual o teatro a fazer? Como encontrar e preparar os elementos scenicos, que a um tempo agradem a todos e satisfaçam as tendencia exigentes «dum só».

Um exemplo basta! Olhemos o moderno teatro espanhol. Que singular beleza e que admiravel lição ele nos dá! Tudo é simples, tudo é humano, tudo é alegre. Se ha uma alma que chora, ha outra que ri, e se ha uma que soluça, ha sempre outra que canta. Quantas aguarelas de amor, sinceras, translucidas, expontaneas, não fariam os irmãos Quinteros, se vivessem em terra portuguesa?

Custará muito ter sentimento?... Falar a nossa lingua?... Compreender o nosso amôr?...

ARTUR PORTELA

ALEXANDRE DE AZEVEDO

Por lapso, na local sobre peça «Inimigos» não fizemos referencia ao magistral trabalho do grande actor Alexandre de Azevedo nessa peça.

Que nos seja relevada a falta.

Nacional

A primeira scena dramatica portugueza, á frente da qual está Alves da Cunha—o grande actor, o primeiro da sua geração. Adelina Abranches, a comediante cujo nome dispensa elogios, e Berta de Bivar, a artista cultissima e moderna, acompanham-no com Sacramento e Araujo Pereira, mestre ensaiador, o mais forte reportorio moderno.

S. Luiz

A unica grande companhia de opereta portugueza, sob a direcção do nosso primeiro «metteur-en-scène» do teatro musicado, Armando de Vasconcelos. Grandes elementos como Auzenda de Oliveira, Vasco Santana, Aldina de Sousa e baritono brazileiro Silvio Vieira, que tanto exito já alcançou. A maior sala de espectaculos de Portugal.

Politeama

A mais bela sala de espectaculos de arte moderna. Uma companhia explendida com os nomes de Ilda Stichini e Alexandre de Azevedo e Raul de Carvalho, no primeiro plano. Espectaculos da melhor arte. Repertorio escolhido e preferido pelo publico. Empreza do arrojado e antigo emprezario Luiz Pereira

Trindade

A mais linda sala de espectaculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuimos. A grande Lucilia, com Erico, Almada, Amelia Pereira e um formidavel grupo dramatico que está á altura do mais dificil repertorio internacional.

As noites mais artisticas da capital e os espectaculos mais emocionantes de Lisboa.

Avenida

Companhia Satanela-Amarante. A companhia mais simpatica ao publico. Alem de Amarante—o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanela, uma notavel actriz que reune o encanto duma mocidade fresca ao «tic» parisiense de seu estilo. Hoje e, por emquanto todas as noites «O Pé de Salsa».

Gimnasio

O teatro mais moderno e mais europeu. A' frente o nome glorioso de Amelia Rey-Colaço, Robles Monteiro e todo um conjuncto de artistas disciplinados e com um passado de trabalho que assegura o exito desta companhia, bôa em qualquer grande capital e unica em Lisboa. Espectaculos de comedias, alta-comedia e drama.

Eden

O teatro das fantasias e revistas populares. O teatro mais barato de Lisboa. Boa musica. Lindas mulheres. Os melhores comicos. Os espectaculos do Povo—feitos de arte portuguesa e de sentimento nacional. Direcção de José Climaco. Hoje e sempre o «Cabaz de Morangos» peça de Lino Ferreira, Silva Tavares, A. Pereira e L. Oliveira.

Coliseu

A grande atracção de novos e velhos. Uma formidavel companhia, egual ás melhores do mundo, com todos os «azes» modernos das «artes de circo».

A maior sala de espectaculos da Europa. Conforto, emoção, espectaculo atraente, artistico e instrutivo. O grande divertimento das creanças grandes e pequenas.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

Novela da noite de Natal

Magistral pagina de emoção e de ternura, por Norberto de Araujo

Tomou o comboio nas Delicias, mas já vinha de longe. Fizera no grande Orient-Express o longo e gelado trajecto, por Simplom, de Constantinopla a Paris.

Oh! Madrid é uma cidade adoravel! Mas ele não tinha olhos, nem nervos, nem sensibilidade para a aturar.

—Portugal! Portugal! O meu rico paiz! E ao cabo de tanto tempo!!

Saudoso de Marvão, terra portuguesa emfim, com sua mala de mão cheiínha de livros e bugigangas internacionaes, atravessou a gare castelhanissina das Delicias com o moço atraz, e o seu *couvre-pieds* numa correia de mão. Era tudo.

Tudo — e o seu detestavel, impertinente, ar aborrecido e apressado.

Noite de Natal!

E o comboio não largava ... Ao menos se partisse a tempo de chegar a Portugal ainda escuro! Sempre passaria o Natal na sua patria.

E acomodou-se a um canto da carruagem, uma primeira horrivel, sem *calefaccion*. Agora, sim, o maldito comboio ia partir.

—*La Voz! El blanco y negro! El Liberal!*

Ainda passou um moço ajoujado de malas, passos duros, tropeçando, e logo uma mulher qualquer, que só o olhou para ver que ele era gente que ocupava, sosinho e senhor do compartimento, os lugares todos.

A mulher disse «está bem», e o moço respondeu soturno: «gracias».

E o comboio partiu.

* * *

Quem viajava na noite de Natal? Ele, desgraçado, sem familia, sem lar, sem canto onde conchegar a cabeça, e apesar disso, louco de saudades, á procura do amor dos outros, este amor, que como a fortuna alheia, chega a contentar os infelizes.

A noite de Natal era aquele comboio, gelado, nu, indiferente, carcere ambulante onde ele se considerava prisioneiro. Luzinhas distantes, ao longo da velocidade, indicavam lares em festas, almas, corações, afectos. A sua familia seria ali quando muito — o maquinista. Ah, sim, havia uma mulher ao lado, uma mulher que trazia malas, um casaco de peles, e, afinal, a mesma desgraça que ele trazia.

Quiz adormecer. Qual dormir!

Foi ver a noite. Noite pobre de luar, com poucas estrelas. Neve ao longe, a adivinhar-se, no Guadarrama.

A mulher jantava. Indiferente, alheio — ficou a vê-la.

— E' servido?

Postára-se a contemplar a scena, e esquecera-se do que manda a correcção. Só um minuto depois respondeu:

— Não, obrigado.

E voltou á paisagem do escuro.

— Sômos só nós para Portugal — insistiu a mulher.

Voltou-se aborrecido, já agora para compensar a descortezia:

— Assim o creio.

Mas emendou:

— Nós, e a sua filha.

E' que a um canto do compartimento dormia uma creança, muito aconchegada, muito coberta, muito tranquila.

— Ah! — e a mulher sorriu nos seus lindos dentes perolados. Não é minha filha.

— Uma creança, ao menos...

Ela riu, suspendendo no ar uma aza de ave, presa na extremidade de um guardanapo.

— Não é uma creança.

— ?

— E' uma boneca...

— O quê?

— Decididamente não quere fazer-me companhia ao jantar? Jantou em Madrid. Fez bem.

— Não jantei.

— Então... sente-se.

E dando logar, explicou:

— E'... uma boneca preciosa para a minha afilhada.

Noite de Natal!

Afinal, era uma companhia. E era tudo o que havia na terra de bom, e doce, e lirico, e português, aquela desconhecida portuguesa, aquele jantar que não era o seu, e aquela boneca que dormia.

— Sirva-se...

— Tomo apenas um golo de vinho.

— Ah! (contrariedade sincera) Ah! Não trago vinho... Posso apenas oferecer-lhe agua.

Arrependeu se:

— Comsigo!

— E' certo...

— Tambem perdeu o comboio?

— Não... Perdi quando era novo a fortuna de não passar uma noite de Natal sem ninguem a meu lado.

— Não tenho sêde. Tenho frio.

Riram ambos. Para não desalojar a mesa de jantar e não incomodar a boneca, aceitou sentar-se ao lado dela. As peles da capa da mulher roçaram pela pele das suas mãos geladas. Sentiu um leve conforto. E distraiu-se a vê-la. Era afinal alguem, alguem vivo, humano, alguem que fôsse alguma coisa, na noite de Natal, mais do que as estrelas e a solidão dos longes.

— Não come? Pois faz mal.

Era bonita. Era mesmo chique. Era uma alma errante como a dele, mas vestida de graça e indiferente á tristeza do isolamento. Ficou-se a olhá la.

— Estranha que eu coma com apetite? Não calcula... Perdi o comboio de ontem, porque o estúpido «chauffeur» levou-me por equivoco á gare do Norte. Já devia estar hoje na nossa terra. E ahi tem porque é que eu passo a noite de Natal — sósinha.

—*Não acha melhor conversarmos?*

Ela não disse nada. Ele ficára repezo. Fôra romantico, ridiculo.

A mulher embrulhou o jantar.

— Afinal, não comi nada...

Ele despediu-se. Ia dormir. Ou melhor: ela precisava descansar.

— Não acha melhor conversarmos? Juro que não tem somno. Nem eu. Nunca durmo em caminho de ferro.

E cobriu melhor a boneca, que parece que se mexera...

* * *

Havia nos arredores de Madrid uma familia portuguesa, com crusamento espanhol, que mantinha todo o ano aquela mulher em casa, como professora dos pequenos. Para eles aprenderem o português. Não se educarem em espanhol. E no Natal vinha passar as festas com a familia. A familia! Uma irmãzinha, e uma sobrinha, a sua afilhada a quem se destinava a boneca.

— E o senhor?

— Não tenho a quem levar bonecas. A familia para mim é toda a terra portuguesa. Sou adido da legação. Um vadio, como se diz no nosso paiz.

— E' diplomata?

— Um pouco...

— Então... passe-me a boneca aos direitos.

— Oh! minha senhora!

— Não calcula como vinha preocupada—. Não... Não a acorde...

A boneca sorria de olhos abertos. Ficaram a vê-la, debruçados.

— Perdão...

Tinham roçado os rostos na contemplação daquele somno perfeito, inocente, feliz.

Aconchegaram-se de novo. Agora fazia um frio doido. E, enquanto a luz da carruagem, cansada do somno, ia amortecendo, começaram, e abriam-se em respostas felizes, todas as perguntas das horas de viagens. «Quando volta? E como se chama? Eu... Maria da Conceição...»

Mas nisto, uma voz roufenha na gare deserta:

—Plasensia!

E logo, quasi a seguir:

—Arroyo!

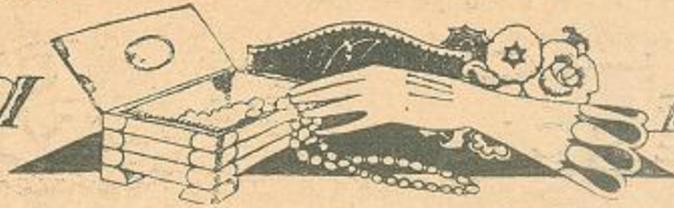
E logo depressa, muito depressa:

—Valencia de Alcantara!

Entraram em Portugal com a boneca apadrinhada. Havia fumos de lares á beira dos caminhos. Repicavam sinos. O sol espreitava já pelas vidraças, ainda extremunhado.

A Lisboa—foi só o tempo que dura um beijo.

E pelo meio dia—pleno e glorioso meio dia de Natal—começou para eles... o Ano Bom.

NORBERTO DE ARAUJO

pagina feminina

Dia de sol

Um diluvio de sol cahe sobre mim.
Inunda-me um bem estar indefinivel.
Ergo os olhos e assim
Prendo melhor ao meu olhar
A imagem incoercivel,
Esquiva e diluida,
Duma visão azul que anda a pairar,
Suspensa no ar,
Sempre animada duma occulta vida.

Ha derramado em toda a Natureza
Um philtro embriagador
Que afoga o coração das coisas.
E eu sinto em mim um estranho ardor
Mudando numa avida certeza
A minha antiga e incerta hesitação.
E' ella, essa certeza victoriosa
Que assim me enche de luz o coração,
Tenho fé, uma fé sempre ambiciosa
De ir mais alem num vôo singular...
E ter fé é já quasi triumphar.

O palpitar subtil de occulta primavera
Que, como uma embriaguez
De tudo se apodera
Numa anciedade sôffrega, sem fim,
A' luz doirada deste claro dia
Não é mais, talvez,
Que o refluxo da vaga de alegria
Que se ergue dentro em mim.

Dispersos pelo ar,
Em botão,
Andam beijos que boccas invisiveis
Pouco a pouco farão,
Num fremito, desabrochar...
E a palpitar num esto de ascensão,
A alma em flôr das coisas
Penetra dentro do meu proprio ser
E nelle ergue e desperta
Sombras já mortas de apagadas vidas
Que em mim vivem dispersas, confundidas
Numa suprema ancia de vencer,
Numa ambição de lucta sempre incerta.

E é nesta claridade
Feita para allumiar o ardor da minha fé,
Que eu melhor sinto em mim, na multipla anciedade
Dum sonho creador que jamais finda,
Erguer-se a voz exangue e o vulto até
De tudo o que morreu ou não nasceu ainda.

OLIVA GUERRA

Conto do Natal

(Para o DOMINGO ILUSTRADO)

Branca de Gonta, a eminente poetisa portugueza, honra-nos com a sua brilhantissima colaboração. Espirito gentilissimo de senhora e de artista, a gloriosa autora da «Hora da Sesta» mantem integras e flagrantes as suas primorosas qualidades de ritmo, de elegancia e de pitoresco, que tornam inconfundiveis os versos da filha de Thomaz Ribeiro. Beijando-lhe as mãos, «O Domingo Ilustrado» agradece-lhe a honra da sua colaboração.

Era uma vez uma poetisa humilde.
Chamava-se Mathilde.
Vivia em Portugal.
Não tinha vôos d'aguia ovante e altiva,
mas era inoffensiva;
ninguem lhe queria mal

Muito pelo contrario:—em certos dias,
seguras sympathias,
por variadas razões,
festejando o Natal que enflóra os lares,
a Paschoa, o entrudo, ou os santos populares,
pediam-lhe canções,

Andava o Kalendario, andava á roda,
—inverno,—verão,—inverno,—a vida toda,
em seu perenne andar,
e Mathilde, nas datas consagradas,
ia dobando as rimas já cançadas
do seu velho cantar:—

Pelo Natal, fallava de esperanças
aos velhos e ás creanças;
—nascia o Redemptor...
—Na Paschoa eram as rosas.—Mundo lindo!
—São João,—São Martinho,—o outomno findo,
programmas, beneficios, arte, amor,
vendas de caridade, e tal, e tal...
—E voltava o Natal.

. . . .

Até que um dia, um anjo côr de neve
roçou muito ao de leve
essa alma de mulher,
e disse:—
...(mas o fim do conto humano,
leitor amavel, fica para o anno,
se Deus quizer).

1926

Branca de Gonta Colaço

O Berço

Num berço—eterna belleza!—
A terra ao ceu ficou presa...
Ha num berço tanta luz,
Tanto amor, tanta alegria,
Que vêmos sorrir Maria
Junto ao berço de Jesus.

Se, no seu berço, um menino
E' sempre um Deus pequenino
No coração maternal,
Jesus, então, que seria
No coração de Maria,
Nessa noite de Natal?!...

Dezembro 1926.

MARIA DE CARVALHO

Edades

Queres saber, ao certo, a minha edade?
Mas para quê? Da tua eu nada sei...
Morreu em mim qualquer curiosidade
desde a hora clara e bôa em que te amei.

Ha que fugir do tempo á crueldade
como ao rigor de inexoravel lei!
O que passou lá vae!... E porque se ha-de
contar a vida que desperdicei?

E' novo o nosso amor. Eis o que importa!
Já que bateu alegre á minha porta
eu farei tudo para o conservar

e — assim to juro — sempre até morrer
hei de ter oitenta anos p'ra te querer
e nunca mais de vinte p'ra te amar,

Agora

Ensinaram-me outrôra, em creancinha,
que nunca adormecesse sem resar
e, cada noite, ás horas de deitar,
ajoelhava á beira da caminha.

Tamanho enlêvo da oração provinha
que déla me não soube dispensar;
porém és tu quem pônho no logar
onde a imagem do Senhor eu tinha.

E guardo sempre a mesma devoção;
mas já me não recordo do que então
a minha mãe sorrindo me ensinou.

Agora rêso assim: — «Amor! Meu bem,
só creio em ti! Não creio em mais ninguem!»
e julgo amar como jamais se amou.

ALICE OGANDO

N. 8
3.ª serie

SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIREÇÃO DE
JOSÉ D'OLIVEIRA COSME
DR. FANTASMA

26 DEZEMBRO 1926

Apuramento do n.º 2 (3.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

EURISTO

N.º 1 — 9 Votos

N.º 2, de BAQULHO . . . . 2 votos
N.º 7, de SPARTANUS . . . . 1 »
N.º 9, de AVIARDO . . . . 1 »
N.º 13, de REI DO ORCO . . . . 1 »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AFRICANO, D. GALENO, D. VASCO, DROPÉ, HOPE, LHALHA, ORLANDO-O-PALADINO, REI-FERA, VASCO DIAS (todos da T. E.); LILI, MAMEGO.

Com 17 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

VIRIATO SIMÕES 10, CASTROLIVA, DOIS PRINCIPIANTES 9.

OUTROS DECIFRADORES

D. SIMPATICO (T. E.), FRANGERQUE, SPARTANUS, (8).

DECIFRAÇÕES

1—*BALSAMO*, 2—*avoado*, 3—sobretal, 4-corredôr,—5—montano, 6—verberadôr, 7—*semicapro*, 8—malano, 9—*félo*, 10—azafama, 11—sacrario, 12—sustentáculo, 13—*mostradôr*, 14—alvadia, 15-garnacha, 16-mona, 17—Um ôvo, quer sal e fôgo.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 14, de SATURNO, com 11 decifradôres.

DEDICATORIAS

AFRICANO e ANELE, decifraram o que lhes era dedicado.

LOGOGRIFOS

1 Menina, prenda o seu *cão* —3—2—4—7.
Ou, no *final*, há engano.—4—7—6—3.
Quero ouvir, da *gaita*, o som,—1—5—1—3.
Meu prazêr *quotidiano*.—6—5—3—2.

Prendendo-o, é um favôr
Que faz a um seu creado-
Sou, da música, amadôr:
Preciso estar *socegado*! . . .

Porto — OTROPAVLIS

2 Numa aula de liceu, há bom e mau:
Do lado bom, há ursos e leões,
O *escol* dos bichos! Sabem as lições,—5—12—9—8.
Não lhes escapa nem um só quinau,
Não faltam, como os outros mandriões
Que causam pena! Miseros bufões! . . .

Do outro, há, de monos, grande soma,
Alguns chacaes, um pobre saltimbanco,
Dois burros, que não saltam um barranco,
Guiados por um lázaro sanfona!
Coitadas das lições, que andam em *branco*!—6—12—5—2.
Nem um *soldado turco*, russo ou franco,—11—10—3—4.
Munido de *energia* excepcional,—11—12—7—4:
Conseguia ensinar êstes maraus:
Bichos de conta, lesmas e lacraus! . . .

Mas, p'ra de todos dar *lista* normal,
Não chegaria a fauna nacional! . . .

Lisboa — SPARTANUS

CHARADAS EM VERSO

(*Agradecendo a* D. Simpatico, *pelo seu* hipoglosso).

3 Com *vontade* e diligencia—3
Mata toda a produção!
É questão de paciencia
E bôa disposição.

Quantas vêzes, um sujeito
Leva noites, a pensar!
Quando, afinal, o conceito
É bem facil de encontrar.

A sua, deu que fazer,
Fez-me, mesmo . . . rabiar;
Mas, no *solo*, foi morrêr,—1
Depois de muito lutar.

Por causa dessa malvada,
Cheguei a ficar doente . . .
Mas, ao vê-la derribada,
Até pulei, de *contente*! . . .

Lisboa — AFRICANO

CHARADAS EM FRASE

4 Tem *graça*! Como êle sabe *preparar* os meios para, na zanga, a *enfraquecêr*,—2-2.
Lisboa — ADAMASTOR

5 *Ele* «*valeu*» o *veneno*?—1—1
Cascais — ANELE

(*A* Euristo, *com admiração*)
6 Só o pêso da *bolsa de dinheiro* meteu *eflipão* ao *carregadôr*.—2—1
Lisboa — AVIARDO

7 No meio do *trigo* que se cria nesta *margem* abunda esta «*árvore leguminosa*».—2—2
Lisboa — CASTROLIVA

8 *Vim* da provincia atraz d'uma «*mulher*» e tive, por sua causa, um duelo á *espada*.—1—2
Lisboa — D. GALENO (T. E.)

9 Por causa desta *especie de moinho*, armou grande *enrêdo*, o *agiota*.—2—1
Lisboa — DOIS PRINCIPIANTES

10 Disseram-me que o *filho de preto e de mulher indigena* é que fêz *aquela* arma. Por isso não posso ouvir que é uma *pessôa estúpida*.—2—1
Lisboa — DROPÊ

(*A* Jamengal)
11 *Exila* o homem sem *piedade* porque, de contrario, serás *desauctorisado*.—3—1
Lisboa — EURISTO

12 Aquêle quadro é *inexpressivo* por causa daquela *belgo*; é, mesmo, uma *parvoice*.—2—2
Lisboa — HELION

13 Com *mais obras* e menos palavras se conseguem todos os fins.—1—2
Lisboa — JAMENGAL

(*Ao ilustre confrade* Visconde da Relva)
14 O senhor *interrompe a marcha* sem *pena* porque se acha *fatigado*.—4—1
Lisboa — MAMEGO

15 "*Depois*" da *comida* vem a *sobremêsa*.—1—2
Lisboa — PAUSANIAS

(*Ao Snr.* Visconde da Relva *agradecendo embora que tardiamente, as suas dedicatorias*)
16 Quando se *olha fito de rôsto a rôsto* alguem que acompanha o *cortejo mortuario* dum ente querido, sente-se a impressão de *que segue o mesmo caminho* desejando, talvez, não voltar.—3—1
Lisboa — REI-FERA (T. E.)

17 A *cama* da noiva *deita um aroma a mandiro*.—2—2
Lisboa — REI DO ORCO

18 *Fôra daqui*! Tens má *figura* para me estares a adular.—3—1
Porto — RENANDOF

19 O *pôrco* deve *estar proximo de* Lisboa. Devo *ir após* êle?—1—2
Lisboa — SATURNO

(*Ao insigne charadista* Castroliva, *com o maximo respeito*)
20 Larga o «*instrumento de matemática*»! E, como és dotado de *perspicacia*, vai confeccionar para a ceia, um manjar *apetitoso*.—2—2.
Lisboa — VIRIATO SIMÕES

(*Ao confrade e ilustre charadista* Aviardo)
21 O *senhor*, ao apanhar do chão a «*moeda de prata*», fez a figura dum *tolo*.—1—2
Lisboa — VISCONDE DA RELVA

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

CAPITÃO BOCHE, DOIS CARTAXEIROS, DOIS TORREJANOS, FOFORONOF, HERTOS, MARIDO, MULHER & FILHO, MARIO FREIRIA, MENINA XÓ, N.º 2, NONÓ, RENANDOF, SPARTANUS, PAUSANIAS.

DECIFRAÇÕES DO N.º 100

HORIZONTAIS — 1 Pio, 2 Trenós, 3 Ré, 4 Iódico, 5 Ida, 6 Aça, 7 Erva, 8 Bambus, 9 Ri, 10 Noiva, 11 Inapto, 12 Ar, 13 In, 14 Salvei, 15 Talha, 16 Ai, 17 Cid, 18 Errai, 19 Ri, 20 Só, 21 Ar, 22 Era, 23 Mar, 24 Gás, 25 Pau, 26 Belo, 27 Uia, 27 A-Et, 28 Prantear, 29 Elo, 30 Só, 31 Aorta, 32 Ba, 33 Ro, 34 Ctir, 35 Im, 36 Prior, 37 Lsb, 38 Alómino, 39 Giz, 40 La, 41 Osapai, 42 Oca, 43 Camarada, 44 Cab, 45 Armes, 46 Ra, 47 Aoc, 48 Eau, 49 Ti, 50 Asni, 51 Alaga, 52 Tui, 53 Mi.

VERTICAIS — 2 Ti, 1 Pró, 54 Ied, 55 Oni, 56 Oca, 57 Sócrates, 3 Ri, 58 Eden, 59 Aro, 60 Airar, 61 Vi, 62 Avial, 8 Bis, 62 A-Ana, 62 B-Mal, 62 C-Bpvc, 62 D-Uteis, 62 E-Soido, 63 Anil, 64 Lr, 65 Há, 66 Aia, 67 Régulo, 68 Raio, 69 Asa, 70 Apto, 23 Mentirosa, 71 Altar, 72 Roe, 73 A, 74 Upa, 26 Bartolomeu, 27 A-Es, 75 Rocia, 76 Abismada, 77 Rambola, 29 Eros, 37 Lipari, 78 Ran, 39 Gocong, 79 Acácia, 80 Zab, 81 Acre, 82 Ama, 47 Asa, 49 Tete, 50 Al, 51 Ai, 53 Mi.

PROBLEMA D'HOJE

Original dos nossos ilustres colaboradores «DOIS CARTAXEIROS».

1	31	32	33	34		■	2		35	36	37	38
3					■	39	■	4				
5				■	6		40	■	7			
8				41		■	9	42				
		■	10							■		
	■	11				■	12			43	■	
■	13		■	14		44			■	15	45	■
16			46		■		■	17	47			48
	■	18			49		50				■	
19	51	■	20			■	21			■	22	
23		52	■	24		53			■	25		
26				■	27			■	28			
29						■	30					

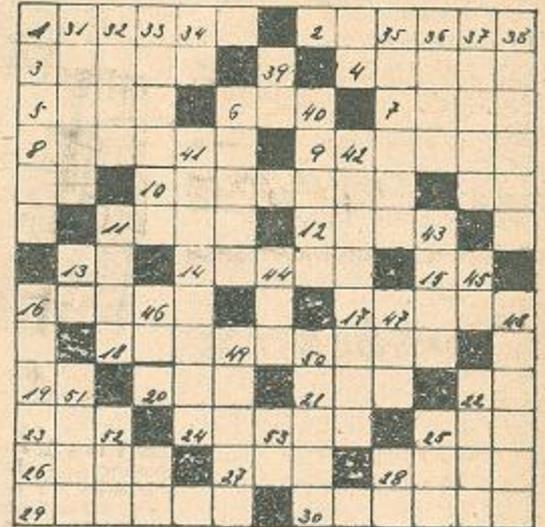
1-12-26 — Dois Cartaxeiros

HORISONTAIS—1 tentos, 2 vendedeira, 3 repetir, 4 camas, 5 distilem, 6 «notas», 7 arcas, 8 preço, 9 resultado, 10 parecido com uma seta, 11 tubo, 12 tempo (pl.), 13 marchava, 14 infiel, 15 duas letras de AGUA, 16 chicana, 17 «flor», 18 apoquenta, 19 «letra grega», 20 «medida», 21 peanha, 22 ilusoria. 23 especie de tinta, 24 «ave», 25 «sinal ortografico», 26 «barco», 27 grande, 28 reparavam, 29 seguro, 30 detestavel.

VERTICAIS — 1 chefe, 31 recusar, 32 moer, 33 «peça de vestuario», 34 parecença, 35 parte da charrua, 36 erguei, 37 navegador, 38 destroi, 39 «nota», 6 ofende, 40 projecteis, 41 musica, 42 apaixonada, 11 «filho de Adão», 43 aposento, 13 andar, 44 regra, 45 «interjeição», 16 «veiculo», 46 peneira, 47 levanta, 48 socêgo, 49 fim, 50 «metal», 51 puxam, 22 caminhos, 52 liga, 53 duas letras de LAGOA, 25 «parente», 28 encontrei.

CORREIO

MARIO FREIRIA—Seja bem reaparecido. Esperamos algum original . . .

PREGO.—Em virtude de V. Ex.ª desconhecêr as regras cá da casa será atendido «por excepção». E se alguma coisa custa . . . é abrir essa excepção.

DOIS TORREJANOS.—Agradecemos a assiduidade.

RENANDOF.—Quando quizer, sempre ás ordens.

DOIS CARTAXEIROS.—Não recebi o problema que, com outro pseudónimo, dizem ter enviado. Publico tudo que seja aproveitavel. Rogo a fineza de, para o futuro, quando haja a tratar quaisquer assuntos referentes ao «Expediente» das minhas secções, se dirigirem, exclusivamente, a mim, pois que, como seu director, sou a unica pessoa que poderei elucidá-los. Sempre ao seu dispor.

DR. FANTASMA